

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO
CAMPO-LINGUAGENS E CÓDIGOS**

JARLICI PALHETA DE SOUZA

**ALTEAMENTO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /E/ NO PORTUGUÊS FALADO
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)**

**Gurupá-PA
2020**

JARLICI PALHETA DE SOUZA

**ALTEAMENTO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /E/ NO PORTUGUÊS FALADO
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pires Dias.

**Gurupá-PA
2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S719a Souza, Jarlici Palheta de

Alteamento da vogal média pretônica /e/ no português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira / Jarlici Palheta de Souza. — 2020.

31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2020.

1. Alteamento vocálico. 2. Variação. 3. Quilombolas. I. Título.

CDD 410

JARLICI PALHETA DE SOUZA

**ALTEAMENTO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /E/ NO PORTUGUÊS FALADO
NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo.

Gurupá, PA, 30 de junho de 2020.

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias, Dr. (Presidente)

Universidade Federal do Pará

Prof. Dr^a. Raquel da Silva Lopes (Membro interno)

Universidade Federal do Pará

Prof. Ma. Maria Sebastiana Costa (Membro externo)

Universidade Federal Rural da Amazônia

Para Maria Heloá, minha eterna princesa e
para meus pais, José Trindade e Rosiane, meus
fiéis companheiros de vida e de sonhos

ALTEAMENTO DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA /E/ NO PORTUGUÊS FALADO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA RIBEIRA (GURUPÁ/PA)

Jarlici Palheta de Souza¹ (UFPA)

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pires Dias (UFPA)

RESUMO: Este artigo aborda aspectos relacionados ao alteamento da vogal média pretônica /e/ no português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira (Gurupá/PA). Objetiva-se verificar a frequência da ocorrência de variantes tais como m[i]nino em vez de m[e]nino e [i]ntão em vez de [e]ntão e os condicionamentos que favorecem esse alçamento da vogal em questão. Os dados foram coletados por meio de gravações de relatos de experiência de 11 informantes nascidos na comunidade e que não se afastaram por mais de 3 anos. Toma-se como pressuposto teórico a teoria da variação linguística, especialmente em sua versão laboviana (LABOV, 2008). Para o processamento estatístico, utilizou-se o programa Goldvarb X. Os resultados obtidos mostram que o onset vazio ou com consoantes coronais favorece a aplicação da regra, assim como a presença das vogais altas na sílaba tônica e a proximidade entre as sílabas tônica e pretônica. Somam-se a esses fatores favorecedores as sílabas leves, a faixa etária e a presença das consoantes dorsais e labiais no onset da sílaba seguinte. Palavras-chave: Alteamento vocálico. Variação. Quilombolas.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentado como requisito final para a conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens e Códigos, trago alguns elementos acerca de um interessante fenômeno de variação que incide no sistema vocálico do português brasileiro, o alteamento da vogal média pretônica /e/, visando ampliar o conhecimento que temos dessa língua a partir da variedade falada em uma comunidade remanescente de quilombo do município de Gurupá-PA.

Ao longo do Curso, vimos que há uma grande pluralidade de variações na língua falada no Brasil, mas o reconhecimento dessa pluralidade ainda precisa ser acompanhado de ações para o seu conhecimento. Debates relacionados a esta temática levaram a perceber que pouco conhecemos sobre nossa própria língua, assim como sobre as comunidades remanescentes de quilombo que existem no município de Gurupá.

Dentre os inúmeros fenômenos em variação, e suas múltiplas possibilidades de análise, o alteamento da vogal média /e/ foi um dos fatores que mais ganhou destaque porque, como pudemos observar durante os estágios supervisionados, essa é uma das variações que

¹ Discente concluinte do Curso de Educação do Campo (UFPA/Campus de Altamira), Polo Gurupá/PA.

aparece não só na fala, mas também na escrita dos alunos – questão que demanda do professor um nível de atenção especial de modo que possa orientar melhor os estudantes quanto à notação ortográfica prevista nesse contexto. Dessa forma, a pesquisa poderia trazer elementos para facilitar procedimentos pedagógicos mais adequados e produtivos. Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso, foi preciso fazer esse recorte, já que não seria possível fazer um trabalho amplo, investigando uma amostra maior.

Gurupá é formada por comunidades urbanas, ribeirinhas e quilombolas. Estas últimas são as menos conhecidas e com menor destaque no cenário do município, devido, entre outras coisas, ao fato histórico de sermos uma sociedade estruturalmente racista, que usufruiu (e usufrui) da contribuição dos povos africanos, mas não lhes reconhece direitos elementares, condenando-os a uma situação de invisibilidade. Ainda no decorrer dos estágios supervisionados foi possível perceber que muitas pessoas que habitam neste município sequer sabem da existência de comunidades quilombolas dentro de suas fronteiras. Este trabalho, além de registrar dados linguísticos da comunidade Maria Ribeira, é uma forma de dar visibilidade e reconhecimento à existência desses povos.

Os dados analisados neste trabalho foram obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas e foram tratados conforme as orientações da metodologia variacionista; o enfoque fonético-fonológico visa observar se a ocorrência de alteamento da vogal pretônica na fala da comunidade investigada indica uma situação de variação estável ou de mudança em progresso. Para entender melhor a realização deste fenômeno, foram estabelecidos alguns grupos de controle, separados conforme se trate de interferência interna (fator estrutural/linguístico) ou de pressão externa (fator social/extralinguístico).

Foram registradas e analisadas ocorrências do fenômeno investigado na fala espontânea de moradores da comunidade Maria Ribeira, controlando a frequência de alteamento e de neutralização da vogal média anterior em palavras como *piqueno* = pequeno, *iscola* = escola, *minina* = menina, dentre outras.

O texto está organizado em três seções. Na primeira, trago uma reflexão de natureza mais teórica sobre a abordagem em que se sustenta o estudo, apresentando brevemente suas linhas gerais e algumas notas mais específicas sobre o fenômeno de alteamento vocálico. Na segunda, apresento elementos da metodologia utilizada e, finalmente, na terceira, trago os dados e uma possibilidade de análise, conforme o referencial adotado.

Espero contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito do português falado na Amazônia, a partir deste pequeno recorte e, assim, aprofundar as referências sobre nossa identidade sociolinguística.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao longo dos tempos, muitos estudos vêm sendo realizados acerca do funcionamento da língua, sobretudo no que diz respeito às múltiplas funções que compõem a estrutura da linguagem humana. Dentro desse amplo sistema de estruturação, não poderia passar despercebido o modo como funciona o arranjo da língua nos seus níveis fonético e fonológico bem como as variações decorrentes de diversos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Embora se atribua a William Labov a criação da Sociolinguística como área especificamente voltada à questão da variação e demarcada na grande área das Ciências da Linguagem, a ideia de que as línguas sofrem pressão de natureza extralinguística já havia sido observada e registrada muito antes dele. Para Calvet (2002), devemos ao linguista francês Antoine Meillet os primeiros alertas, ainda nos idos do século XIX, para a necessidade de se considerar, por exemplo, a história na investigação de determinados fenômenos de mudança linguística. Por questões que não cabem discutir aqui, foi preciso esperar até a metade do século XX para que essa ideia tomasse forma e consistência, cabendo, como já assinalado mais acima, a um grupo de jovens pesquisadores americanos, cujo expoente maior é William Labov, o mérito da inauguração dessa corrente no campo das ciências da linguagem.

Assim, podemos dizer que a Sociolinguística passou a ser uma ciência autônoma e interdisciplinar somente em meados do século XX, apesar de que anteriormente pesquisadores já trabalhassem nessa perspectiva de estudos, analisando a língua não só dentro de uma esfera propriamente gramatical, pois entendiam que o comportamento da língua poderia sofrer influências externas, uma vez que não estava dissociada de quem a pratica e do contexto no qual o falante está inserido (BORTONI-RICARDO, 2019).

Despontam como trabalhos precursores da sociolinguística de cunho variacionista os estudos feitos por William Labov (1970), abrindo caminho para outros sociolinguistas investigarem as múltiplas variações não só da língua inglesa, mas de diversas línguas, inclusive a língua portuguesa, comprovando que não existe superioridade na língua, que não existem modos “certos” ou “errados” de falar.

É fato que existe uma ampla pluralidade de línguas no mundo, tanto as catalogadas como línguas oficiais de determinados países, quanto línguas que não recebem títulos de línguas oficiais ou que sequer já foram descritas. Muitos podem se perguntar quantas línguas existem no mundo, mas é um questionamento muito difícil de se responder, para não dizer quase impossível. Bortoni-Ricardo (2019) assegura que não se pode afirmar com precisão um

denominador numérico exato que responda a esse questionamento, mas que seria uma média aproximada de seis a sete mil línguas.

Uma das explicações proferidas pela autora para não determinar com precisão esse fator numérico é o fato de que “não é fácil identificar uma língua, porque as línguas não são homogêneas, usadas por todos os seus falantes da mesma maneira. Pelo contrário, elas comportam muita variação” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 23). Basta ficar atento ao repertório que as pessoas utilizam diariamente de forma espontânea para se comunicar. Essa pluralidade de manifestações linguísticas, embora carreguem consigo um papel de símbolo identitário, nem sempre se configuram um fator distinguido apenas na observação entre duas ou mais línguas oficiais. Ainda segundo a autora:

Também no âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos linguísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica. No Brasil, comunidades de fala em cidades e regiões de colonização mais antiga já desenvolveram variedades que as identificam, seja pelo sotaque, seja por palavras e expressões típicas. Até mesmo em cidades fundadas há menos tempo, como Belo Horizonte, Goiânia e Londrina, por exemplo, já é possível identificar traços no português local que funcionam como marcas identitárias para seus falantes. (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 28)

Temos, assim, que a questão vai muito além de apenas reconhecer a existência formal de línguas. A heterogeneidade das línguas não está presente apenas na distinção de uma língua oficial relativamente a outra(s). Além da variação de língua oficial, tem-se a variação diageracional, variação diastrática, etc.; o repertório linguístico varia da língua falada para a língua escrita. Isso gera, ainda na sociedade atual, o retrógrado preconceito linguístico alimentado por diversos mitos, pois a gramática brasileira (ou gramáticos normativos brasileiros) designa um tipo de “norma padrão” da língua portuguesa – que Bagno (2015) prefere chamar de “variedade de prestígio” – e estigmatiza as demais variedades da língua.

Scherre (2005) reflete sobre o preconceito linguístico existente também nas mídias sociais. Continuamente as mídias brasileiras veiculam atitudes preconceituosas, refletindo uma necessidade de subjugar sujeitos que dispõe, em grande maioria, de um contexto lexical subalternizado pelas elites. E ofender os códigos linguísticos das classes de menor prestígio parece ser prazeroso para aqueles que dominam uma variedade urbana de prestígio (não que eles não “escorreguem” também nas palavras “indesejadas”).

Não é engraçado despejar atitudes desumanas sobre a linguagem de determinado grupo social que também é, inclusive, marca identitária. Mas, “sabe-se bem que, infelizmente, a língua é também instrumento de poder; língua é também instrumento de dominação; língua é também instrumento de opressão” (SCHERRE, 2005, p. 44). De modo conivente com esse

repertório preconceituoso, muitas reportagens midiáticas agem como se fossem donas da verdade, com ar de ofensiva superioridade. É preciso que sejam tomadas atitudes de enfrentamento a tudo isso, pois, assim como os preconceitos religioso, racial, sexual, etc., o preconceito linguístico humilha o ser humano de uma forma sórdida. Scherre enfatiza que:

[...] não temos o direito de nos omitir diante das situações concretas de preconceito linguístico. Mais do que isto: temos o dever de nos manifestar. É o exercício da cidadania. Enfatizo: não sou contra a gramática normativa [...]: sou contra, sim, sua veneração cega, que gera necessariamente seu uso equivocado, humilhando o ser humano por meio do que ele tem de mais característico: o dom de dominar a própria língua. (SCHERRE, 2005, p. 71)

É inegável que, em se falando de Brasil, existe um enorme abismo social acompanhado, também, de discriminações. A verdade é que se torna muito fácil subjugar as variedades da língua e dizer que este modo de falar é “certo” e aquele é “errado” e, mesmo que a história mostre que as noções de certo e errado são relativas, “poucos percebem que as formas consideradas certas e/ou de prestígio são as que pertencem à língua, aos dialetos, ou às variedades das pessoas ou grupos que detêm o poder econômico ou cultural” (SHERRE, 2005, p. 15).

Ainda assim, consideram-se incabíveis os preconceitos linguísticos praticados contra as variedades existentes na língua portuguesa. Além de ser um retrocesso, mostram uma lacuna de conhecimentos mais profundos dos códigos linguísticos existentes. Basta observar o quanto a língua portuguesa já apresentou modificações com o decorrer do tempo, como ela já se transformou com o passar do tempo, como ela muda de falante para falante, de acordo com a idade uma mesma pessoa poderá mudar seu repertório linguístico. Bagno (2017), em *A língua de Eulália*, chama atenção para a aceitabilidade da existência de variações na língua. Em *Preconceito linguístico* (2015), ele ainda enfatiza que:

A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que, de tempos em tempos, renasce das próprias cinzas. É uma roseira que quanto mais a gente vai podando, flores mais bonitas vai dando. (BAGNO, 2015, p. 168)

Diante da inexistência de superioridades na língua, os sociolinguistas têm papel de importância ímpar como estudiosos das línguas em suas múltiplas funcionalidades e contextos. É imprescindível, não só aos estudiosos da língua, mas às pessoas em geral, reconhecerem que o Brasil não é monolíngue, mas que existe, além de outras línguas catalogadas, uma pluralidade de variedades dialetais dentro da própria língua portuguesa falada no Brasil. Além disso, deve-se levar em consideração que isso não é motivo de

vergonha para o país ou para quem as pratica, mas fonte de orgulhoso reconhecimento identitário e que pode, também, ser fonte de pesquisa e registros de modo a ampliar o inventário linguístico do país.

Uma das características mais marcantes dessas pesquisas é o reconhecimento de que existem variações pertinentes na língua que não devem ser subjugadas, mas também não podem passar despercebidas ou ignoradas pelas ciências da linguagem e não devem estar inertes aos olhares e aos conhecimentos linguísticos. A falta de conhecimento sobre as variedades da língua e suas ações cotidianas abre espaço para o preconceito linguístico, gerando patéticos mitos preconceituosos sobre a língua, pois “onde não existe uma política linguística bem informada e esclarecida, a ignorância (ou má-fé) se instala com a maior tranquilidade” (BAGNO, 2015, p. 24).

Portanto, é necessário entender que a língua está em constante movimento e, por isso, os estudos e os olhares sobre ela não podem ficar estagnados no século passado. Não é para ter vergonha ou discriminar uma variedade da língua apenas por não estar em harmonia com a variedade urbana de prestígio. Como já mencionado anteriormente, não existe superioridade e inferioridade na língua, mas sim variedades. E, dentre as inúmeras situações de variação existentes no Brasil, uma das que mais chama a atenção é a das vogais.

2.1. Estudos sobre as vogais médias pretônicas

Câmara Júnior (1970), em seu trabalho sobre a estrutura da língua portuguesa, afirma que a classificação das vogais como fonemas deve ser considerada a partir de sua posição tônica, haja vista que tal posição possibilita analisar de forma mais nítida os traços distintivos vocálicos. Ele apresenta as vogais em uma representação de sistema triangular, na qual classifica de um lado as vogais posteriores e do outro as vogais anteriores, de acordo com a elevação gradual da língua e, ao centro, a vogal /a/ como vértice mais baixo do triângulo, por não apresentar avanço ou elevação apreciável da língua. “A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas” (CÂMARA JR, 1970, p. 33).

altas	/u/		/i/	
médias		/ô/		ê/ (2º grau)
médias			/ó/	é/ (1º grau)
baixa			/a/	
	posteriores		central	anteriores

(CÂMARA JR. 1970, p. 33)

Ainda segundo o autor, as vogais podem sofrer alterações dos sons de acordo com a posição que ocupam dentro de uma palavra, o que já se havia discutido anteriormente aqui. Há, inclusive, a possibilidade da ocorrência da alofonia resultante das produções átonas, ou seja, um fonema (menor unidade sonora) poderá variar para outro, aproximadamente. Nessa posição, todos os fonemas vocálicos, em termos fonéticos, apresentam variação articulatória e auditiva. Mas também chama a atenção para a possível ocorrência da neutralização, pois “ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Nas vogais médias antes de vogal tônica (pretônicas) desaparece a oposição entre 1º grau e 2º grau...” (CÂMARA JR., 1970, p. 43)

Leda Bisol (2005) descreveu o sistema vocálico do português brasileiro baseada também em estudos do autor anteriormente mencionado (Câmara Jr.), enfatizando que, apesar de o sistema vocálico da língua portuguesa apresentar um sistema triangular de sete vogais (Câmara Jr. 1970, p. 41), nas posições átonas esse número de sons fica reduzido. Trata-se da neutralização já anteriormente identificada por Câmara Jr. (1970).

Esse mecanismo acontece porque duas unidades de sons diferentes podem fundir-se em apenas uma unidade sonora. Tome-se como exemplo os fonemas /ɛ/, /e/ e /i/ (na posição tônica), ao assumirem a posição pretônica reduzem-se as unidades sonoras apenas para /e/ e /i/. Dessa forma, o traço que distinguia essas duas unidades fonológicas /ɛ/ e /e/ desaparecem completamente quando essa vogal passa de tônica a pretônica, como acontece nos exemplos: *p[ɛ]dra = p[e]dreiro*, *v[ɛ]la = v[e]leiro*, *s[ɛ]la = s[e]leiro*. Por consequência dessa neutralização existente entre as vogais médias de 1º e 2º graus, o quadro das vogais passa a ser composto, então, na posição pretônica, por cinco vogais. (BISOL, 2005, p. 127-128)

1º quadro (vogais pretônicas):

altas	/u/		/i/
médias		/o/	/e/
baixa		/a/	

(Câmara Jr. 1970, p. 34)

Além da neutralização, encontra-se na posição pretônica outro tipo de variação que “não provoca alteração no sistema” (BISOL, 2005, p.173). Essa variação chamada por Bisol de *harmonização vocálica* ocorre no momento em que a vogal média pretônica assimila a altura da vogal da sílaba seguinte. Isso pode explicar variações tais como as encontradas em palavras com os quais é possível se deparar no dia a dia de forma nem um pouco esporádica, sobretudo quando se trata da fala espontânea. Como por exemplo, as palavras *m[e]nino = m[i]nino e pr[e]guiça = pr[i]guiça*. Não se trata de deturpação ou “assassinato” da língua portuguesa, pois os fenômenos da variação são acontecimentos propícios das línguas diversas, haja vista que estas estão em constante movimento. Alguns estudos vêm sendo feitos acerca desse fenômeno das variações das vogais médias pretônicas.

Voltando-se para estudos das vogais na Amazônia paraense, Freitas (2001) desenvolveu um estudo onde procurou observar e descrever o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no falar da cidade de Bragança. A autora fez uma análise quantitativa dos dados de 32 informantes estratificados em sexo, faixa etária, escolaridade e renda. Os resultados dessa pesquisa apontaram para a predominância das variantes médias no dialeto estudado, enquanto que as baixas mostraram pouca frequência, juntamente com as altas que apresentaram, ainda, o menor índice. A autora conclui que “sobre a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em contexto silábico CV e CVC de posição inicial ou medial de palavra, na variedade falada da área urbana de Bragança – Pará” (FREITAS, 2001, p. 108), é possível afirmar que a variação estudada é desencadeada pelo contexto das vogais imediatas por meio da assimilação, independente da tonicidade.

Destaca-se, com maior índice de favorecimento ao alteamento, as consoantes labiais e, também, as sibilantes e velares. No que diz respeito à relação de pretônica e tônica com item lexical do mesmo paradigma, a pretônica considerada átona permanente tende a altear, bem como aquela relacionada à tônica de altura variável incluindo alta, a pretônica /o/ relacionada à tônica média e a pretônica /e/ relacionada à tônica baixa. Além desses fatores, a autora também destaca, como favorecedores ao alteamento, os advérbios dentro do grupo das classes morfológicas, que também desfavorecem a manutenção. Dentre os fatores sociais, destaca-se como favorecedor ao alteamento a escolaridade baixa dos informantes (FREITAS, 2001, p. 108).

Dias et al (2007), dentro dessa perspectiva de investigação de variação linguística, investigaram o alteamento das vogais médias pretônicas na área rural do município de Breves (PA). A pesquisa contou com dados oriundos de relatos de experiências de um *corpus* de

trinta e seis informantes da região, que foram (pré) selecionados de acordo com a proposta metodológica de Tarallo (2007).

De acordo com os autores, os fatores significantes para explicar esse fenômeno de variação investigada estão relacionados aos grupos de: “1) fonema vocálico da tônica quando oral; 2) distância relativa à sílaba tônica; 3) vogal contígua a sílaba da vogal pretônica; 4) sufixo; 5) consoante do *onset*; 6) consoante do *onset* da sílaba seguinte e 7) escolaridade” e, explicou o peso que cada grupo tem para a ocorrência ou não do alteamento. Ao fazer a primeira análise quantitativa dos resultados das vogais dependentes, os dados apontaram para a porcentagem de 57% representando a ausência do fenômeno do alteamento e 43% como representatividade da presença deste fenômeno. (DIAS et al, p. 6-7, 2007)

O trabalho de Dias et al (2007) levou à conclusão de que o fenômeno do alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ não ocorre na maioria das falas dos informantes. Além disso, está em um “gradual processo de extinção” (DIAS et al, 2007), uma vez que o alteamento é observado na fala das pessoas com mais idade, sobretudo aquelas acima dos 46 anos e de menor grau de escolaridade. Os informantes mais jovens e de maior grau de escolaridade apresentaram na sua fala pouca presença do fenômeno em questão.

O trabalho geograficamente mais amplo de Razky e Santos (2009) procurou descrever o perfil geolinguístico da vogal /e/ no estado do Pará. Dados desta pesquisa registraram a frequência das três regras variáveis nessa vogal média anterior em posição pretônica (baixa [ɛ], média [e] e alta [i]) nos falares paraenses, cuja predominância foi da ocorrência da média [e], com percentual correspondente a 41%. Ressalta-se que, no geral, há preferência pela variante /e/ em grande parte do território, mas não se pode afirmar que há “uma ampla tendência de favorecimento a essa variante, considerando-se as frequências obtidas para as demais regras, o que indica que o fenômeno constitui um quadro multidialetal no Estado” (RAZKY e SANTOS, 2009, p. 22).

Os autores consideram que existe uma boa representatividade de zonas dialetais para cada variante em questão. Isso porque, dos sete municípios investigados, três mostram favorecimento à variante [e] – Belém, Soure e Almeirim –, dois favorecem a variante [ɛ] – Altamira e Jacareacanga – e um destaca o favorecimento pela variante [i] – Marabá. Tais resultados levam à conclusão de que esse fato, “do ponto de vista geolinguístico, salta aos olhos e permeia as vicissitudes sócio-históricas de cada município” (RAZKY e SANTOS, 2009, p. 22).

Em seu artigo *Vogais na Amazônia Paraense*, Cruz (2012) apresenta dados resultantes de pesquisas realizadas por integrantes do Projeto Norte Vogais. Utilizando de procedimentos

metodológicos propostas por Tarallo (2007), o Projeto contou, ao todo, com um corpus de 318 (trezentos e dezoito) informantes nativos da Amazônia Paraense, originários de cinco locais: Belém, Cametá, Breves, Breu Branco e Mocajuba, em suas zonas rural e urbana” (CRUZ, 2012). A equipe de pesquisadores priorizou em suas investigações três aspectos fonéticos: a variação das vogais médias pretônicas, a variação das vogais médias postônicas mediais e a nasalidade alofônica.

A autora afirma que as investigações que procuram mostrar se as vogais médias pretônicas sofrem alteamento, manutenção ou abaixamento, indicam que a probabilidade da manutenção dessas vogais é muito maior. Já o alteamento recebe um percentual muito baixo de aparição nos resultados dessas pesquisas. As cidades de Breves e Breu Branco apresentaram percentuais mais destoantes e receberam uma nova pesquisa linguística que comprova a influência de fatores externos, como o fato de serem “regiões que receberam um fluxo migratório considerável em decorrência de projetos econômicos da região” (CRUZ, 2012).

Somando-se a estes estudos das vogais, Cruz e Sousa (2013) descreveram a variação vocálica das médias pretônicas no português falado na cidade de Belém (PA), a partir de estudos feitos por Sousa (2010). Os resultados apontam para a maior frequência da ocorrência das vogais médias fechadas, tanto para as vogais anteriores – que totalizaram uma porcentagem de 47% – quanto para as posteriores – que demonstraram uma representatividade de 44%. Para explicar o comportamento dessas vogais na zona dialetal investigada, oito grupos de fatores foram elencados como influenciadores nesse processo, sendo seis relacionados a fatores linguísticos e dois a fatores sociais.

As autoras concluem que os vocábulos sem sufixo, as sílabas com ataque ramificado e sílabas pesadas desencadeiam maior probabilidade de ocorrência da variante média fechada. Além disso, destacam a importância do papel da sílaba tônica, uma vez que as vogais fechadas assumem essa posição, há favorecimento da manutenção das pretônicas orais. As pretônicas nasais, por sua vez, terão sua manutenção favorecidas pelas vogais baixas. Este trabalho também identifica que, na variedade de Belém, a distância entre tônica e pretônica favorece a manutenção, assim como na fala dos mais jovens que se encaixam nos primeiros níveis de escolarização.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma das ferramentas utilizadas neste trabalho de pesquisa foi a gravação das entrevistas dos informantes da comunidade lócus da pesquisa. No entanto, como não se tinha um conhecimento mais aprofundado da comunidade, tampouco aproximação com as famílias e moradores, o primeiro passo foi estudar uma maneira de como realizar essa aproximação e aprofundar os conhecimentos acerca das famílias e da comunidade. Nesse sentido, a aproximação com um dos moradores (também aluno do Curso de Licenciatura em Educação do Campo) foi de extrema relevância para início das atividades.

O morador em questão, Clésio Castro Gomes, foi um aliado indispensável que somou de forma significativa na realização do trabalho. Primeiro, porque foi o responsável em fazer o elo de aproximação com a comunidade investigada bem como possibilitou a entrada e permanência na localidade durante o período da coleta de dados. Através desse contato é que foi possível fazer a seleção dos informantes que seriam entrevistados, facilitando sobremaneira o acesso a informações sobre o histórico (por meio de narrativas orais dos moradores) da comunidade, o qual será possível conhecer, resumidamente, a seguir. Nas subseções que virão adiante, serão explicitadas, além do histórico da comunidade, as etapas deste trabalho.

3.1 A comunidade quilombola Maria Ribeira

O Quilombo Maria Ribeira² é uma comunidade de remanescentes de quilombos onde moram famílias há gerações, que se auto reconhecem e se denominam como povo quilombola. De acordo com informações dos próprios moradores, esse povo herda a resistência de negros escravizados que fugiram dos engenhos localizados na cidade de Gurupá/PA (antes mesmo de sua emancipação) em busca de liberdade. Logo no início, esses primeiros habitantes do quilombo não fixaram moradia perto da beira do rio, mas em lugares bem remotos mata adentro, sem deixar pistas ou caminhos marcados que possibilitassem lhes localizar, pois não podiam correr o risco de serem encontrados.

Eram raras as vezes que alguém saía dali para procurar a cidade. A alimentação do povo era adquirida por meio da caça, da pesca, do extrativismo e da agricultura (roçado de mandioca e seus derivados). As doenças eram tratadas com a medicina caseira (uso de plantas

² Com uma área total de 2.031,8727 ha, a comunidade Maria Ribeira recebeu, em nome de sua associação ARQMR, o Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo de seu território. Tal documento foi outorgado pelo Governo do Estado do Pará, através do Instituto de Terras do Pará – ITERPA – em 20 de novembro de 2000.

e ervas medicinais), método que tem perpassado gerações e ainda é utilizado hoje em dia, apesar do “acesso mais facilitado” à saúde pública (mesmo com enorme precariedade). Somente depois de algum tempo eles mudaram-se para próximo do rio – não é preciso ressaltar que foi após a abolição da escravidão.

Hoje em dia, a comunidade é composta por 60 (sessenta) famílias, organizadas em uma associação denominada ARQMR – Associação de Remanescentes de Quilombo da Maria Ribeira, através da qual já conseguiram vários projetos que contribuíram e contribuem para a melhoria de suas vidas. Dentre os mais relevantes projetos em benefício da comunidade em geral estão a aquisição de casas por meio do projeto *Minha casa minha vida*, energia elétrica, sistema de abastecimento de água e uma escola de ensino fundamental.

A comunidade é formada por dois povoados (como eles mesmos denominam) que foram criados por duas famílias diferentes ainda no período de povoamento do local. Atualmente, preservam manifestações religiosas com festejos de santos padroeiros, momentos preenchidos por orações, folia – organizada pelos próprios moradores da comunidade e que é uma herança cultural que perpassa gerações –, leilão e festa dançante. Também preservam o sistema de organização das famílias, os meios de produção tanto de extrativismo como da agricultura. Além disso, os moradores exibem com orgulho sua história, que fazem questão de contar para seus filhos e netos de modo que não caia no esquecimento e chegue também às gerações futuras, e se alegram em organizar uma valiosa programação de reconhecimento e empoderamento do quilombo no Dia da Consciência Negra.

Figura 1: Comunidade Maria Ribeira.



Figura 2: Comunidade Maria Ribeira.



Os moradores usufruem, atualmente, de uma infraestrutura que consideram boa (adquirida através de sua organização anteriormente mencionada): um sistema de abastecimento de água própria, em que uma caixa d’água distribui água encanada para todas

as casas dos moradores; a energia elétrica também é acessível a todos os moradores por meio do projeto luz para todos, do Governo Federal, e a maioria das casas têm geladeira ou freezer, televisão; umas 2 ou 3 famílias possuem internet via *wi-fi*.

Figura 3: Imagem de satélite do território
Fonte: Google Earth/Copernicus



O acesso ao Quilombo Maria Ribeira se dá tanto por estrada (não tão boa) quanto por via fluvial (principal meio de acesso) usando canoa, barco, voadeira, lanchas, etc. Após chegar no porto de desembarque, ainda tem um caminho longo para chegar até a vila, que leva um média de 15 minutos, se a pessoa for caminhando, ou mais rápido se for de moto. Por não ser um local tão afastado da cidade, o quilombo conseguiu uma lancha que transporta todos os dias os alunos que estudam o ensino médio na cidade.

3.2 Coleta e tratamento dos dados

Continuando com o trabalho de pesquisa, o passo seguinte contou com a ajuda do colega de turma Clésio Castro Gomes, morador da comunidade que contribuiu nesse processo, mediando a seleção das pessoas a serem entrevistadas. Então, seguindo as orientações propostas por Tarallo (2007) acerca dos métodos da pesquisa sociolinguística, optou-se por entrevistar 12 informantes que nasceram e cresceram na comunidade lócus da pesquisa e não se afastaram dela por mais de três anos.

FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
18 a 25 anos	Masculino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)
	Feminino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)

26 a 45 anos	Masculino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)
	Feminino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)
Acima de 45 anos	Masculino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)
	Feminino (2)	Até 4 anos de escolaridade (1)
		Mais de 8 anos de escolaridade (1)

Tabela 1: Estratificação social dos informantes.

Após a seleção dos informantes, a próxima ação foi uma aproximação inicial com os escolhidos para que, na hora da gravação, o entrevistado se sentisse mais à vontade, pois o objetivo era registrar a fala espontânea dos moradores. Por conseguinte, a coleta de dados foi feita por meio da gravação de relatos de experiências direcionadas por um roteiro pré-elaborado de modo a estimular o diálogo. O *corpus* foi formado por excertos de fala de 12 (doze) informantes estratificados socialmente em idade: de 18 a 25 anos, de 26 a 45 anos e acima de 45 anos³; sexo: masculino e feminino; e escolaridade: até 4 anos de escolaridade e mais de 8 anos de escolaridade (conforme mostra a tabela 1).

Figura 3: Entrevista com informante da comunidade. **Figura 4:** Entrevista com informante da comunidade.



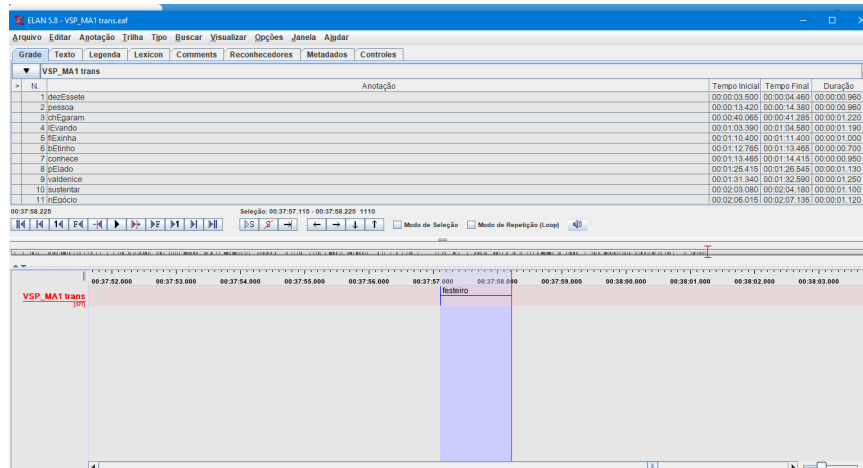
Após a coleta, foi feita a codificação das gravações de modo a classificá-las de acordo com os critérios de seleção e, em seguida, foi o momento de transcrever grafematicamente os dados coletados; para isso, foi utilizado o *software* de transcrição e anotação ELAN⁴. No

³ Por conta das medidas de isolamento social em consequência da pandemia mundial causada pelo novo corona vírus, não foi possível realizar a entrevista com um informante do sexo masculino na faixa etária acima de 45 anos. Embora já estivesse sido marcada a entrevista, as medidas de isolamento impediram que a mesma fosse realizada uma vez que o informante faz parte do grupo de risco e, além disso, os moradores da comunidade decidiram fechá-la e impedir a entrada de pessoas que não moram lá, como forma de medida preventiva da doença.

⁴ ELAN (Version 5.8) [Computer software]. (2019). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Disponível em: <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>> Acessado em 10 mar 2020.

início, obteve-se em média 12 horas de material a transcrever, por não haver ainda habilidade quanto ao manuseamento do programa. Vale ressaltar que cada gravação tinha um tempo estimado entre 45 e 50 minutos. A partir do momento em que fui conseguindo mais habilidade com o manuseio do programa, além de maior concentração, o tempo foi diminuindo para um período de mais ou menos 4 horas para a transcrição de cada gravação.

Figura 5: Transcrição das gravações no programa ELAN

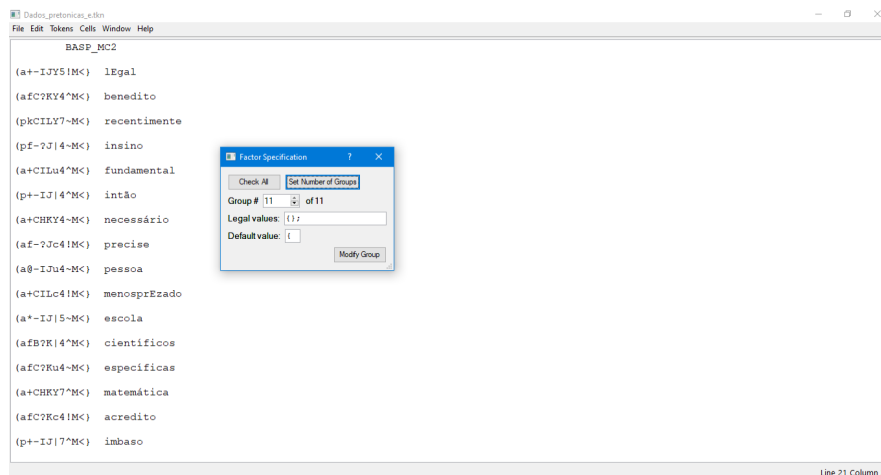


Feito esse processo de transcrição das gravações de todos os entrevistados, obteve-se um total de 3511 dados para serem analisados/estudados. De posse dos dados, partiu-se, então, para o processo de codificação, cujo objetivo era possibilitar o processamento estatístico e, então, chegar aos resultados finais da pesquisa em questão. Esse foi um processo que ocorreu paulatinamente e de forma cautelosa, uma vez que todos os códigos deveriam estar dentro das especificações propostas. Dessa forma, o programa a ser usado posteriormente não rejeitaria a leitura dos dados em questão.

Nesse processo de codificação, cada dado recebeu um código criado a partir das seguintes classificações linguísticas e extralinguísticas: **01**- Variantes da variável dependente (2 fatores); **02** – Fonema vocálico da tônica, quando a pretônica é oral (7 fatores); **03** – Vogal pré-pré-tônica (3 fatores); **04** – Vogal contígua (4 fatores); **05** – Distância relativamente à sílaba tônica (4 fatores); **06** – Consoante do onset (5 fatores); **07** – Consoante do onset da sílaba seguinte (5 fatores); **08** – Peso silábico em relação à sílaba da variável dependente (3 fatores); **09** - Sexo do informante (2 fatores); **10** – Escolaridade do informante (3 fatores) e; **11** – Faixa etária (3 fatores).

Feito isso, o próximo passo foi o processamento dos dados a partir desses códigos pré definidos. Para essa etapa do trabalho, foi utilizado o programa *GoldVarb X*⁵, onde foi salvo o arquivo com os dados coletados da pesquisa já codificados. Após serem feitas as adequações ao programa para o processamento dos dados, foi feito o ajuste na sintaxe, momento em que foram corrigidos todos os erros que haviam ficado no momento da codificação. Depois disso foi criado um arquivo de condições (no programa) onde foram colocados os 11 grupos de fatores utilizados. A partir daí foi se fazendo o processamento de todos os dados.

Figura 6: Processamento dos dados no GoldVarb



Todos os resultados foram salvos cuidadosamente em arquivos de texto (.txt) de forma que a pesquisa obtivesse resultados precisos. Nesse processamento, houve um *knockout*, que é quando a variação não ocorre. Então, foi preciso retornar ao arquivo de dados para encontrar o dado que continha esse fator e isolá-lo e fazer uma nova rodada de processamento. Com os resultados dessa etapa em mãos, foi feita a impressão desse material para a interpretação dos resultados estatísticos. Por fim, foi gerado o arquivo final com os resultados definitivos que serão descritos na próxima seção.

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

O programa *GoldVarb X* possibilitou o processamento estatístico dos dados e nos permitiu alcançar os resultados dos fatores favorecedores do alteamento, percentuais de ocorrência, pesos relativos, e grupos de fatores mais relevantes e significantes para a devida

⁵ TAGLIAMONTE, Sali A; SMITH, Eric; SANKOFF, David. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Universidade de Toronto, 2015. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acessado em: 30 mar 2020.

descrição do fenômeno investigado (alteamento ou não da vogal média pretônica /e/). A seguir, nas subseções, mostraremos os resultados alcançados e os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que interferem na ocorrência do fenômeno em questão.

4.1 Variável Dependente

De acordo com o que já foi exposto no princípio deste trabalho, a variável dependente aqui considerada é o alteamento da vogal média pretônica /e/ no português falado na comunidade remanescente de quilombo Maria Ribeira. Isso quer dizer que os resultados indicam se os itens lexicais como *menina*, *preguiça*, *festejo*, assim como outras que se inserem dentro dessa perspectiva de investigação sofrem alçamento para /i/ nas suas vogais médias pretônicas.

Com base nos resultados obtidos, é possível afirmar que o alteamento da vogal média pretônica /e/ falado no português da comunidade Maria Ribeira tem o percentual de ocorrência de 24,3%. Dessa forma, conclui-se que há maior índice de ausência da ocorrência desse fenômeno com uma porcentagem significativa de 75,7%, conforme mostra a tabela a seguir.

	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Alteamento de /e/	853/3511	24,3%	0,24
Manutenção de /e/	2658/3511	75,7%	0,75

Tabela 2: Resultados da variável dependente de um total de 3511 dados.

A pesquisa permitiu aferir que a ausência do alteamento da vogal média pretônica estudada é a variante majoritária na comunidade estudada, portanto, há uma maior probabilidade de não ocorrência do fenômeno. Embora haja elevado preconceito relacionado aos falantes de variedades populares, como destaca Bagno (2015), não é possível afirmar, sem uma pesquisa mais aprofundada, se há ou não estigma entre os falantes da própria comunidade acerca do fenômeno estudado.

Outros estudos feitos também na região amazônica, em localidades próximas da região de pesquisa deste trabalho, resultaram em dados surpreendentes do não predomínio do alçamento das vogais médias pretônicas /e/ para /i/ e /o/ para /u/. É o caso do trabalho feito por Cruz et al (2007) que também revelou a predominância da ausência deste fenômeno na fala espontânea de moradores da área rural do município de Breves, no Pará, ilha do Marajó, com uma representatividade de apenas 43% da presença do fenômeno. Indiferente a esses dados também tem-se o estudo das Vogais na Amazônia Paraense, de Cruz (2012), que indica maior

índice da probabilidade da manutenção das vogais médias pretônicas de 81% para Breves (urbano), 57% para Breves (rural), 67% para Breves (geral), 60% para Cametá, 64% para Belém (urbano), 53% para Belém (rural), 51% Mocajuba e 76% para Breu Branco.

4.2 Variáveis Independentes

Como já mencionado anteriormente, as variáveis independentes correspondem aos grupos de fatores que poderão (ou não) explicar a ocorrência da variável dependente estudada. Dos onze grupos analisados neste processo, o programa selecionou seis com maior índice de significância matemática para determinar a ocorrência do fenômeno em estudo, ou seja, são os grupos favorecedores à ocorrência do alteamento. São eles: **1. Consoante do onset**; **2. Fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral**; **3. Distância relativamente à sílaba tônica**; **4. Peso silábico em relação à sílaba da variável dependente**; **5. Faixa etária** e; **6. Consoante do onset da sílaba seguinte**. É importante frisar que, dos seis grupos de fatores selecionados pelo programa, apenas uma variável social foi condicionada como estatisticamente relevante. Nas próximas subseções a seguir, todos esses grupos serão descritos e analisados de acordo com a ordem de relevância determinadas pelo processamento dos dados no GoldVarbX.

4.2.1 Consoante do onset

O primeiro grupo de fatores considerado pelo programa de processamento de dados como favorecedor ao alteamento da vogal média pretônica /e/ é a *Consoante do onset*. Os resultados mostram que em itens lexicais onde o *onset* é vazio existe maior chance de haver alçamento da pretônica /e/ para /i/. Desse modo, constata-se que a probabilidade da ocorrência do alteamento em palavras encaixadas nesse fator é de **0,96**, ou seja, é consideravelmente favorecedor à ocorrência do fenômeno, com percentual de **79,1%** de ocorrência nos dados analisados.

Outro fator considerado também como favorecedor ao alteamento está relacionado às palavras cujas consoantes do *onset* se encaixam dentro do grupo *Coronal*. Com **21,9%** de alteamento observados nos dados objetos de pesquisa, as análises deste estudo mostram que a probabilidade de haver o alçamento da pretônica é de **0,50**. Nessa análise quantitativa processada pelo programa, mostraram-se como influenciadoras apenas esses dois fatores do grupo. É o que se observa na tabela 3.

	Exemplo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
<i>Onset</i> vazio	[i]ntão; [i]scola	474/599	79,1%	0,96

Coronal	recent[i]mente; d[e]manda	213/1075	19,8%	0,50
Dorsal	r[e]zar; r[e]sido	35/490	7,1%	0,32
Labial	p[e]ssoas; p[i]dindo	126/1164	10,8%	0,28
Onset ramificado	apr[e]nder; cr[e]sceu	5/183	2,7%	0,06

Tabela 3: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores de Consoante do onset.

Como se pode ver na tabela anterior, há favorecimento do alteamento nas palavras de consoantes coronais (na mesma sílaba da pretônica) e com grande predominância de influência estão as palavras caracterizadas com o *onset* vazio, ou seja, a vogal pretônica não está acompanhada de uma consoante, ocorrendo o processo de harmonização explicados por Bisol (2005) e Câmara Jr (1970). Vale ressaltar que consideramos como favorecedores pesos relativos acima de **0,50**.

Estudos anteriores sobre as variações ocorrentes entre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Português Brasileiro mostram, também, que a o *onset* vazio é grande influenciador para o alçamento das vogais médias. É o que mostram os estudos de Cruz et al (2008) que investigam *As vogais médias pretônicas no português falado nas ilhas de Belém* e Dias et al (2007) que estudam o *Alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): Uma abordagem variacionista*.

4.2.2 Fonema vocálico da tônica, quando a pretônica é oral

O segundo grupo de fatores que o programa selecionou como favorecedor do fenômeno do alteamento diz respeito ao fonema vocálico da sílaba tônica, quando a pretônica é oral. Destacam-se dentro desse grupo três fatores com pesos relativos consideravelmente satisfatórios. Os resultados apontam uma maior probabilidade de ocorrência do alteamento da pretônica /e/ quando a vogal tônica é alta /i/ - conforme explicado pelo sistema vocálico triangular (CÂMARA JR, 1970) -, com peso relativo na ordem de **0,93**. Isso quer dizer que o fato de a sílaba tônica ser composta por /i/ aumenta a possibilidade de a média /e/ altear para a mesma unidade fonológica da tônica.

Acompanhando o fator acima explicitado, destacam-se também mais dois fatores. De acordo com os dados, são favorecedores do alteamento, também, as palavras cuja sílaba tônica é composta pela vogal alta /u/ com peso relativo de **0,81** e; as palavras que contêm em suas sílabas tônicas o fonema /ɔ/, apresentaram um peso relativo favorecedor do alçamento,

com **0,58**. Os demais fatores não registraram pesos relativos significativamente relevantes para explicação da variação. É o que mostra a tabela 4.

	Exemplo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Vogal /i/ tônica para média pretônica /e/	v[i]ndia; [i]spírito	319/668	47,8%	0,93
Vogal /u/ tônica para média pretônica /e/	r[e]úne; s[i]gundo	55/110	50%	0,81
Vogal /ɔ/ tônica para média pretônica /e/	[i]scola; s[i]nhora	183/282	64,9%	0,58
Vogal /a/ tônica para média pretônica /e/	[i]stamos; [e]ntrada	186/1053	17,7%	0,32
Vogal /e/ tônica para média pretônica /e/	des[i]mprego; enf[e]rmeira	17/445	3,8%	0,31
Vogal /o/ tônica para média pretônica /e/	p[e]ssoas; d[i]pois	54/628	8,6%	0,27
Vogal /ɛ/ tônica para média pretônica /e/	B[e]lém; p[i]queno	39/325	12%	0,24

Tabela 4: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores Fonema vocálico da tônica quando a pretônica é oral.

Como é possível observar, as vogais tônicas altas /i/ e /u/ mostram-se bastante influenciadoras da ocorrência de variação em questão, de igual modo que aparecem nos estudos de Cruz et al (2008) e Dias et al (2007) quando investigaram, também, a ocorrência do fenômeno do alteamento nas áreas rural e urbana de Breves, no Marajó. Além desses dois fatores do grupo, a tabela também mostra a seleção do programa por mais um fator que favorece o alçamento de /e/ para /i/ em posição pretônica. Trata-se de quando a vogal /ɔ/ em posição tônica, o que possibilitou, assim, a ocorrência do alteamento de /e/ para /i/ em palavras como s[i]nh[ɔ]ra, [i]mb[ɔ]ra e [i]sc[ɔ]la. Esse mesmo fator aparece como relevante em estudos de Cruz et al (2007).

4.2.3 Distância relativamente à sílaba tônica

Outro grupo de fatores processado pelo programa de tratamento dos dados e considerado como influenciador para a possível ocorrência do alteamento da vogal média pretônica /e/ no português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira é o distanciamento da vogal pretônica em relação à sílaba tônica. Os resultados mostraram que a contiguidade (distância 1) entre sílaba tônica e pretônica favorece o alçamento de /e/ para /i/.

Dessa forma, é possível afirmar que palavras em que as vogais pretônicas ocupam um lugar próximo da tônica, há um maior favorecimento do fenômeno de alteamento. Nesse caso, observam-se palavras como *p[e]pino*, *m[e]nino* e *b[e]bida* sofrerem variação para *p[i]pino*,

m[i]nino e *b[i]bida*. Portanto, de acordo com os resultados da pesquisa, nessas palavras a probabilidade de pretônica /e/ alçar para a vogal alta /i/ é de **0,58**. Os demais fatores se mostram pouco favorecedores à ocorrência da variação. Observe a tabela 5.

	Exemplo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Distância 1	b[i]bida; p[e]quena	710/2400	29,6%	0,58
Distância 2	[e]sperava; [e]nfermeira	138/972	14,2%	0,38
Distância 3	r[e]cuperando; r[e]frigerante	5/139	3,6%	0,05

Tabela 5: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores Distância relativamente à sílaba tônica.

A tabela mostra que, conforme já explicitado anteriormente, o único fator do grupo que pode ser considerado como influenciador à ocorrência do alteamento da pretônica é a posição contígua à tônica. No caso investigado, dos 2400 dados que se encaixam dentro desse fator, 710 deles registraram a ocorrência do alçamento, assumindo uma porcentagem de 29,6%. Enquanto que os demais fatores, considerados como favorecedores, obtiveram pesos relativos menores que 0,50 (observar tabela 5), o de menor significância aparece com peso relativo de **0,05**, mostrando-se desfavorável ao alteamento. Os resultados deste trabalho relacionados a este grupo de fatores são semelhantes ao estudo de Dias et al (2007) quando dizem que quanto mais distante a pretônica estiver da sílaba tônica, mais difícil será observar a ocorrência dessa variação.

4.2.4 Peso silábico em relação à sílaba da variável dependente

O quarto grupo de fatores considerado favorecedor à ocorrência do alteamento da vogal média pretônica /e/ para a vogal alta /i/ selecionado pelo programa é o que trata do peso silábico em relação à sílaba da variável dependente. Considerando os três fatores observados, os resultados apontam que sílabas leves são favorecedoras do alteamento, com pesos relativos de 0,73 para o padrão VC e de **0,53** para o padrão CV. Por outro lado, o padrão CCV, ou seja, pesado, apresentou peso relativo de **0,24**.

Tais resultados levam à conclusão de que os fatores que influenciam o alçamento da vogal média pretônica /e/ para a vogal alta /i/ são os padrões leves VC e CV. Enquanto que o padrão pesado CCV desfavorece a realização do fenômeno, pois apresenta peso relativo menor que 0,50. Vejamos os resultados completos na tabela 6.

	Exemplo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
Leve VC	[i]ntão; [i]ncontra	308/680	45,3%	0,73
Leve CV	m[i]nino; p[i]queno	494/1946	25,4%	0,53
Pesada CCV	pr[e]cisa; entr[e]gar	51/885	5,8%	0,24

Tabela 6: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores Peso silábico em relação à sílaba da variável dependente.

Nesse grupo encaixam-se dados que apresentam nasalidade e, nesse caso, isso explica a ocorrência da variação na palavra *[e]ntão* em que a vogal pretônica alça para *[i]ntão*. Esse grupo de fatores aqui descrito obteve resultados diferentes no trabalho de Dias et al (2007), que não obteve pesos relativos satisfatórios para serem considerados influentes ao alteamento.

4.2.5 Faixa etária

O quinto grupo considerado relevante para explicar o alteamento da vogal média pretônica /e/ no português falado na comunidade Maria Ribeira é a faixa etária dos informantes. É importante ressaltar que, dos seis grupos selecionados pelo programa, apenas esta variável social aparece entre os fatores estatisticamente relevantes para explicar o fenômeno estudado. Para avaliar qual/quais grupo/s etário/s favorecem essa variação estudada foi organizado (conforme explicitado na metodologia) em três fatores: 15 a 25 anos; 26 a 45 anos e; 46 em diante.

A faixa etária entre 15 a 25 anos aparece com peso relativo de **0,54** e, o fator correspondente à faixa etária de 46 anos em diante aparece com peso relativo correspondente a **0,59**. Dessa forma, pode-se afirmar que são dois os fatores deste grupo que favorecem o fenômeno do alteamento da pretônica investigada neste trabalho. Descarta-se, portanto, como favorecedor da variação em questão, a faixa etária de 26 a 45 anos, apresentando peso relativo de **0,49**. Veja a tabela 7.

	Aplicação	Percentual	Peso relativo
46 anos em diante	161/725	22,2%	0,59
15 a 25 anos	312/1124	27,8%	0,54
26 a 45 anos	380/1662	22,9%	0,49

Tabela 7: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores Faixa etária do (a) informante.

Ressalta-se aqui que as considerações favorecedoras e não favorecedoras partem de um resultado matemático de peso relativo de **0,50**. Como já foi dito anteriormente, acima desse peso, os dados se mostram favorecedores e abaixo dele são considerados não favorecedores. Observe, na tabela 7, que a faixa etária dos informantes mais velhos (46 anos em diante) apresenta maior probabilidade de realização do alteamento, enquanto que a faixa etária dos mais jovens apresenta peso favorecedor de 0,54 e a faixa etária intermediária (26 a 45 anos) apresenta peso relativo próximo ao ponto neutro (0,50).

A partir desses resultados, é possível afirmar que a variação estudada neste trabalho apresenta certo equilíbrio nessa comunidade de fala, tendo-se portanto, um caso de variação estável, de acordo com a teoria laboviana de tempo real e tempo aparente. O registro de ocorrência do fenômeno na fala espontânea dos informantes mostrou que há resultados aproximados entre a fala dos mais jovens (peso relativo 0,54) e as pessoas de idade mais avançada (0,59). Mas, também, nota-se que o alteamento vai perdendo força nas três faixas, ainda entre os mais velhos a probabilidade de alteamento seja maior.

Esse resultado se aproxima do resultado obtido no trabalho de Cruz et al (2008) quando estudou as vogais médias pretônicas nos dialetos falado por moradores das ilhas de Belém (PA). Os autores concluem por meio das pesquisas que essa variação aparece com mais frequência apenas na fala dos informantes inclusos na faixa etária mais avançada, o que significa dizer que tal variação com o tempo poderá desaparecer.

4.2.6 Consoante do *onset* da sílaba seguinte

Assim como a consoante do *onset* se mostrou favorecedora ao alteamento da vogal média pretônica, a consoante do onset da sílaba seguinte também se mostrou relevante para a explicação do fenômeno da variação estudada neste trabalho. Neste caso, o primeiro fator que se destaca como favorecedor à aplicação da regra do alteamento diz respeito às consoantes dorsais (*k, g, s, z, ʒ, l, R*), com peso relativo correspondente a **0,57**. O outro fator que, também, pode-se considerar favorecedor à aplicação da regra da variação investigada, trata-se das consoantes labiais (*p, b, f, v, m*), que aparecem com peso relativo correspondente a **0,53**.

Os demais fatores foram desconsiderados pelo programa por não apresentarem significância estatística. Nesse contexto, é possível afirmar que dos cinco fatores analisados apenas 2 foram considerados favoráveis à aplicação do alteamento: as consoantes dorsais e labiais.

	Exemplo	Aplicação	Percentual	Peso relativo
--	---------	-----------	------------	---------------

Dorsal	s[i]gundo; cons[i]guir	290/1118	25,9%	0,57
Labial	d[i]mais; d[i]pois	158/593	26,6%	0,53
Coronal	l[e]ilão; [i]xiste	364/1662	21,9%	0,45
Onset vazio	aperr[i]ado; V[e]ado	4/28	14,3%	0,41
Onset ramificado	[i]xclui; al[e]gria	37/110	33,6%	0,24

Tabela 8: Percentual de ocorrência e probabilidade de alteamento da vogal média pretônica /e/ no Português falado na comunidade quilombola Maria Ribeira, considerando o grupo de fatores Consoante do onset da sílaba seguinte.

As consoantes labiais que foram consideradas favorecedoras do alçamento também e apresentaram resultados semelhantes aos de Cruz et al (2008) e Dias et al (2007), já as consoantes coronais demonstraram-se influenciadoras no trabalho de Cruz et al (2008) e em nossa pesquisa figuraram como desfavorecedoras, com peso relativo de 0.45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever a realidade linguística de povos e comunidades tradicionais é extremamente importante, pois, assim como em todos os povos do Brasil e do mundo, estão presentes ali inúmeros códigos linguísticos e itens lexicais que podem e devem ser estudados, de forma a ampliar os registros das variedades do português aqui faladas. São povos, geralmente, invisíveis, que sofrem com inúmeros problemas que afetam tanto sua afirmação identitária quanto sua própria existência. Não é difícil acompanhar sucessivas políticas de sonegação de direitos a povos tradicionais, indígenas e quilombolas, de modo a exigir do próprio povo políticas de resistência.

Apesar de todas as problemáticas existentes, vale ressaltar que a comunidade de remanescentes de quilombo Maria Ribeira se orgulha em afirmar sua identidade nos seus múltiplos aspectos que o caracterizam como povo quilombola. A realidade linguística faz parte desse contexto. O processo da variação acontece de forma naturalizada entre os falantes da referida comunidade, ressaltando o que os autores apresentados neste trabalho problematizam acerca da não existência de superioridade na língua, uma vez que a variação é existência comprovada.

Os resultados deste trabalho indicaram que o fenômeno do alteamento da vogal média pretônica /e/ na fala espontânea dos moradores da comunidade quilombola Maria Ribeira ocorre em menor proporção que a sua manutenção. A partir das análises dos dados

pesquisados, conclui-se que o *onset* vazio e *onset* com consoantes coronais são grandes favorecedoras da ocorrência de alteamento, haja vista que possuem pontos de articulação altos, assim como vogais altas em posição de tônica favorecem por conta do processo de harmonização vocálica.

Além disso, o alteamento também é favorecido pela proximidade entre a sílaba tônica e a pretônica, provavelmente por conta do espriamento de traços, de modo que a existência de barreiras gera, conseqüentemente, maior dificuldade de espriamento de traços e o fenômeno do alteamento tende a não ocorrer. Somando-se a esses resultados, as sílabas leves também favorecem a ocorrência do fenômeno por terem menor esforço articulatorio, enquanto que as sílabas pesadas travam esse processo.

Os mais velhos apresentam maior favorecimento da aplicação da regra, mas não há tanta diferença entre os mais jovens e a faixa intermediária, talvez pela configuração demográfica e socioespacial da comunidade, considerando que o adensamento populacional é pequeno, as redes sociais são relativamente fechadas e muitos dos moradores apresentam grau de parentesco próximo.

Dentro do último grupo de fatores selecionados como favorecedores ao alteamento da vogal média pretônica /e/, aparecem as consoantes dorsais e labiais quando localizadas no *onset* da sílaba seguinte. As primeiras favorecem o alçamento para a vogal alta /i/ porque possuem traços de altura e as segundas porque possuem os elementos oclusivos que favorecem a elevação. Por fim, é importante afirmar que ainda é possível explorar os dados, com os cruzamentos entre grupos de fatores, como faixa etária e escolaridade, além da possibilidade de estudo das vogais posteriores, para verificar se elas se comportam da mesma forma.

Tendo-se, portanto, a comprovação da existência do fenômeno estudado – embora em menor proporção –, a catalogação dessa variedade da língua é uma conquista para a comunidade e para os registros das variedades da língua portuguesa na Amazônia paraense. Além de um símbolo de conquista e reconhecimento, este trabalho acaba sendo, também, um valioso instrumento de empoderamento social e educacional, porque ajuda a desconstruir o preconceito linguístico, inclusive na escola.

A discussão da variação linguística soma a este trabalho, dentre outros fatores, por destacar a importância dos conhecimentos sociolinguísticos em seus múltiplos aspectos. E não podemos falar de sociolinguística dissociando-a do âmbito educacional, do ensino formal. A variação é realidade presente na vida das pessoas, das escolas, das comunidades – das mais próximas às mais remotas –, e por essa e outras razões não menos inferiores, destaca-se a

importância de os professores terem um mínimo de formação sociolinguística. Além disso, devem ficar atentos para explicar aos alunos que, embora a variação não seja um fator estigmatizado – aparentemente o caso da comunidade Maria Ribeira –, o aluno precisa saber que se deve escrever de acordo com o padrão estabelecido pela norma da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. – 17. ed. 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. – 56ª ed. revista e ampliada – São Paulo: Parábola, 2015.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. – 4. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. – 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. - 3ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1999. [1970]
- CRUZ, Regina. **Vogais na Amazônia Paraense**. Alfa, São Paulo 56 (3): 945 – 972, 2012.
- CRUZ, Regina et al. **As vogais médias pretônicas no Português falado nas ilhas de Belém (PA)**. In: Maria do Socorro Silva de Aragão. (Org.). Estudos em fonética e fonologia no Brasil. 1ed. João Pessoa: ANPOLL/GT de Fonética, 2008.
- CRUZ, Regina; SOUSA, Josivane. **Variação vocálica das médias pretônicas no português falado na cidade de Belém (PA)**. Porto Alegre: Letrônica, v. 6, n. 1, p. 26 – 46, jan./jun., 2013.
- DIAS, Marcelo Pires et al. **O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.
- FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. [1970]
- PARÁ. Instituto de Terras do Pará. **Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo**. Belém: ITERPA, 2000.
- RAZKY, A., e SANTOS, EG. **O perfil geolinguístico da vogal /e/ no estado do Pará**. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 18 – 39. ISBN 978 – 85 – 232 – 1185 – 1. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SOUSA, Josivane. **A variação das vogais médias pretônicas no português falado na área urbana do município de Belém/PA.** 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** Série Princípios. – 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007.